

Geologias dos estudos *queer*: um *déjà vu* mais uma vez¹

Gayle Rubin
University of Michigan

Pensei em aproveitar a ocasião desta palestra para refletir sobre os saberes *queer* e sobre as condições de sua produção. Quero usar uma experiência que continuo tendo com os saberes GLBTQ (*gay*, lésbico, bissexual, transgênero e *queer*) para acentuar a necessidade contínua de construir formas institucionais estáveis que possam garantir o desenvolvimento, a preservação e a transmissão de tais conhecimentos. Este é o *déjà vu* ao qual meu título se refere: quanto mais exploro esses conhecimentos *queer*, mais descubro o quanto já esquecemos, redescobrimos e prontamente esquecemos de novo. Eu mesma já tentei reinventar a roda em diversas ocasiões. Quero refletir aqui sobre as razões pelas quais isso tem acontecido com essa irritante regularidade. Um dos principais problemas é que ainda não temos recursos organizacionais suficientes para tornar mais rotineira a conservação de saberes previamente alcançados e a sua transmissão para as novas gerações.

Portanto, se vocês me permitem, vou bancar o Sr. Peabody e os convidarei à minha máquina do tempo pessoal.² Estamos por volta de 1970 e eu sou uma *baby dyke*³ novinha em folha. A primeira coisa que quero fazer é seduzir o objeto de meu desejo; a segunda, ler um bom romance lésbico. Tendo pouca sorte em meu primeiro projeto, dirijo-me à biblioteca da Universidade de Michigan e procuro por “lesbianismo” [*lesbianism*] em seu catálogo físico (isso foi antes do advento dos

1. Este texto foi produzido primeiramente para uma fala da autora na Twelfth Annual David R. Kessler Lecture, realizada na City University of New York, no Graduate Center, em 5 de dezembro de 2003, tendo sido publicado originalmente no *CLAGS News* v. 14, n. 2, p. 6-10, 2004, e posteriormente, com alterações, no livro *Deviations: a Gayle Rubin Reader*, de 2011. O presente texto foi traduzido – a partir da versão mais recente do artigo – por Paula Nogueira Pires Batista (PPGAS/UFG) e Roberto Murilo Xavier Reis (PPGAS/UFG), e teve a tradução revisada por Glauco B. Ferreira (PPGAS/UFSC; FCS/UFG) e Carlos Eduardo Henning (FCS/PPGAS/UFG), que incluiu esta nota, bem como as de número 2, 3, 5, 6, 7, 12 e 13. Por fim, agradecemos a Gayle Rubin e sua *publisher* pela autorização dada a Carlos Eduardo Henning para traduzir este texto para o português e publicá-lo, assim como um segundo artigo da autora, o qual deverá ser traduzido e publicado *a posteriori*.

2. Sr. Peabody é um personagem de desenho animado exibido nos EUA entre o fim dos anos 1950 e o início dos 1960. O personagem – um cachorro extraordinariamente inteligente – possui um *roll* de grandes feitos: é um magnata dos negócios, um inventor, cientista e ganhador de um Nobel. O Sr. Peabody adota um filho humano e com ele vive diversas aventuras a partir da criação de uma máquina do tempo, a qual permite que ambos sejam testemunhas oculares de diversos momentos históricos importantes ao redor do mundo. Tais viagens, no entanto, incorriam no risco de alterar os acontecimentos do passado, modificando, como consequência, também o presente.

3. Considerando o desafio de traduzir categorias relativas a gênero e sexualidade de um contexto sócio-cultural e linguístico a outro – assim como toda a inescapável dose de “traição” que incorre desse desafio –, *dyke* poderia ser compreendida em língua portuguesa, no Brasil, como próxima à expressão “sapatão” ou “sapa” (esta, uma versão reduzida da expressão anterior). Já *baby dyke*, portanto, remeteria a algo como “sapatão/sapa bebê” ou alguém recém-inserida no universo lésbico da época. Para maiores análises sobre a categoria *dyke*, assim como *butch*, *femme* e *baby dykes*, consultar o artigo “*Of catamites and kings: reflections on butch, gender, and boundaries.*” (Rubin, Gayle. *Deviations: a Gayle Rubin reader*. Durham & London: Duke University Press, 2011).

catálogos computadorizados). Havia duas entradas sob o assunto “lésbica”. Uma delas era para o livro *The well of loneliness*, de Radclyffe Hall. A outra era para um livro de Jess Stern, intitulado *The grapevine*, uma semissensacional história sobre a Daughters of Bilitis (DOB), organização de direitos lésbicos com base em São Francisco, fundada no período inicial do ativismo homófilo, em meados da década de 1950.⁴ Eu ainda não sabia, nessa época, que a DOB havia produzido uma pequena revista intitulada *The Ladder*, nem que a *The Ladder* continuava a ser produzida, ainda que não pela DOB.

Considerando que a biblioteca da Universidade de Michigan era (e ainda é) uma das melhores da América do Norte, concluí que havia pouquíssimos escritos sobre o tema e, portanto, havia uma gritante necessidade de uma bibliografia lésbica. Decidi, então, produzir uma revisão bibliográfica sobre o assunto para meu trabalho de conclusão de curso⁵ e passei os meses seguintes envolvida em tentar localizar toda e qualquer fonte escrita sobre lesbianismo.

O primeiro passo foi investigar, no balcão de referência da biblioteca, o porquê de haver tão poucas menções sobre lesbianismo e perguntar se alguém teria sugestões para encontrar mais referências. Deparei-me com olhares inexpressivos. Mas, ao longo das semanas seguintes, enquanto pesquisava nos cartões do catálogo da biblioteca, comecei a sentir uma presença às minhas costas. Essa presença era a de uma discreta bibliotecária que trabalhava nas referências catalogadas, sussurrando que eu poderia me interessar pela seção de mulheres filantropas ou pelos livros sobre mulheres na prisão.

Os livros sobre filantropia eram, de fato, cheios de histórias sobre mulheres ricas e bissexuais experimentando romances pelo lado feminino do registro social. A literatura sobre encarceramento estava cheia de relatos de paixões nas prisões, escritos por assistentes sociais de classe média escandalizados com as vidas eróticas das mulheres sob sua supervisão, a maioria pobre e de classe trabalhadora (cujas ligações inter-raciais provocavam uma especial consternação nesses autores).

Entretanto, minha grande descoberta de pesquisa ocorreu acidentalmente, em uma visita a Boston. Deparei-me com uma cópia da revista *The Ladder* em uma pequena livraria perto da Harvard Square. Imediatamente escrevi uma carta para a *The Ladder*, explicando que estava trabalhando em uma revisão

bibliográfica sobre literatura lésbica e perguntando se alguém ali poderia me auxiliar. O editor era um tal de Gene Damon, que era, obviamente, Barbara Grier.⁶ Ela respondeu com uma afiada reprimenda, informando-me que tal revisão bibliográfica já existia. Era a *The lesbian in literature*, de Gene Damon (pseudônimo de Grier) e Lee Stuart, publicada em 1967.

Também fui devidamente castigada por minha ignorância sobre o livro anterior de Jeannette Foster, *Sex variant women in literature* (1956). A poderosa máquina de escrever de Grier poderia ter tirado o couro de um rinoceronte e seguramente tirou um pouco do fôlego do meu entusiasmo juvenil. Fico feliz em relatar que, depois deste primeiro encontro desafiador, Barbara cedeu, compartilhando generosamente seu extraordinário e detalhado conhecimento sobre as riquezas ocultas dos textos lésbicos. Contudo, o ponto central desta história é o quão difícil era, em torno de 1970, encontrar tais publicações. O trabalho de revisão já fora feito, mas encontrar tais publicações era algo em grande medida inacessível. Os mecanismos para o compartilhamento sistemático e a aquisição do saber lésbico eram, na melhor das hipóteses, rudimentares.

Depois de saber que já existiam bibliografias lésbicas, voltei ao balcão de referências para saber se poderia acessá-las por meio de empréstimos entre bibliotecas. Alguns dias depois, um desses bibliotecários, provavelmente *queer*, conduziu-me a outro portal para o mundo secreto dos estudos e saberes LGBTQ. Ele sugeriu que eu subisse até a seção de Coleções Especiais e perguntasse pela Coleção Labadie [*Labadie Collection*]. Uma vez que o acervo da Coleção Labadie era catalogado separadamente, ele não aparecia no catálogo principal. Mas o bibliotecário achava que alguns dos materiais que eu procurava estariam com alguns dos livros raros, no sétimo andar. Segui esta trilha escadas acima até a mesa de Ed Weber.

A Coleção Labadie foi fundada em 1911, por um anarquista de Detroit chamado Joseph Labadie. A coleção era inicialmente focada em escritos anarquistas, mas gradualmente foi expandida, de modo a incluir literaturas relacionadas a protestos sociais, especialmente aqueles considerados “extremistas”. Quando Ed Weber foi contratado como curador, em 1960, ele começou a colecionar publicações homófilas e materiais *gays*. Como resultado, a Labadie tornou-se um dos maiores repositórios de publicações de

4. Para Daughters of Bilitis, ver Gallo, *Different daughters*.

5. O trabalho ao qual a autora se refere é uma *senior honor thesis* na graduação. De modo a aproximar tal noção do público em língua portuguesa, no Brasil, decidimos traduzi-la como “trabalho de final de curso”.

6. Barbara Grier (1933-2011) foi uma escritora e editora lésbica norte-americana que se tornou notória, entre outras questões, por ter fundado a Naiad Press, editora que publicava títulos de temática lésbica em contraposição à literatura lésbica de estilo *pulp fiction*, que até então era escrita e publicada, majoritariamente, por homens. Grier foi conhecida, também, por ter sido uma das editoras e autoras da revista *The Ladder*, fundada na década de 1950 e voltada ao público lésbico nos EUA.

cunho homossexual no país, em uma época em que a maioria das bibliotecas públicas e universitárias os descartavam como se fossem lixo pornográfico. No fim das contas, quase tudo que eu procurava estava, de fato, no andar de cima, na Labadie, um “país das maravilhas” dos estudos e conhecimentos homófilos. A coleção tinha de um tudo: *The lesbian in literature*, de Damon e Stuart; *Sex variant women in literature*, de Foster; alguma bibliografia anterior compilada por Marion Zimmer Bradley, e uma quase completa tiragem da *The Ladder*.

Eu praticamente me mudei para a Coleção Labadie pelo restante da minha graduação, com o intuito de devorar esses documentos. Ainda me surpreende o quanto essas mulheres conheciam sobre história lésbica e o quão difícil foi, para mim, descobrir o que elas sabiam. Naquela época, eu estava bastante alheia às publicações *gays* masculinas, então acabei não explorando as coleções (igualmente impressionantes) da Labadie de publicações como a *Mattachine Review*, *One* e *One Institute Quarterly*.⁷ Porém, descobri mais tarde, quando meus interesses se ampliaram, que a Labadie também continha imensas compilações de história *gay*, bibliografias, análises sociais e crítica política.

Eu também não estava ciente de que meus próprios interesses faziam parte de uma grande onda de estudos acadêmicos que emergia do movimento de liberação *gay*. Só compreendi em retrospecto o quanto a minha coorte construiu sua atuação a partir de um caminho que já fora traçado por nossos predecessores homófilos, mesmo que muitas vezes nós os rejeitemos por sua ostensiva falta de sofisticação teórica ou de precisão terminológica. Enquanto preparava esse texto, enviei *e-mails* a vários de meus antigos amigos que também faziam pesquisas em torno de temáticas *gay* na mesma época, e perguntei como eles haviam encontrado uma direção e suas fontes de referência. Todos admitiram um débito significativo com o campo de estudos e saberes homófilos, com os arquivos das organizações ativistas da época e com as coleções particulares.

Não é uma surpresa, portanto, que muito do material para o primeiro livro de John D’Emilio produzido sobre o movimento homófilo tenha vindo de publicações como a *Mattachine Review* e a *The Ladder*, bem como dos arquivos da *Mattachine Society*, em sua seção de Nova Iorque. Mas é interessante ressaltar os locais onde John encontrou tais arquivos e fontes documentais. Muitos dos documentos que ele consultou foram acumulados e preservados por indivíduos,

principalmente Jim Kepner, em seu apartamento em Los Angeles, e Don Lucas, em sua garagem em São Francisco.

John também consultou os arquivos verticais no Instituto Kinsey e visitou Ann Arbor para utilizar os periódicos da Coleção Labadie. Para o seu magistral livro *Gay american history* (1976), Jonathan Ned Katz também se baseou fortemente na generosa bibliografia produzida por essa primeira imprensa homófila. Quando questionei Jonathan sobre como tinha conseguido os seus mapas da mina, ele mencionou *The lesbian in literature*, a *Mattachine Review*, a *One* e diversas bibliografias de temática *gay* masculina, especialmente aquelas de Noel Garde.

O *e-mail* de Jonathan me fez ter vontade de olhar mais de perto para o acervo de Garde, e eu já havia decidido, na preparação desta palestra, passar algum tempo com essas antigas publicações homófilas. Eu estava, por acaso, de volta a Michigan e pronta para retornar à minha paixão dos tempos da graduação, de modo a tentar espremer mais alguns *insights* das vozes de estudiosos *queer* do passado. Perdi muito da significância dessas vozes, há trinta anos, devido a uma falta de contextualização.

Leio esses textos de maneira diferente agora, porque sei muito mais hoje do que sabia então e posso filtrá-los pelas lentes dos trabalhos de pessoas como Jonathan Katz, John D’Emilio, Allan Bérubé, Jim Steakley, Estelle Freedman, William Eskridge (entre outros). Há certos temas comuns e assuntos que se repetem. Um indivíduo que lesse atentamente a *The Ladder*, *One*, *Mattachine Review* e *One Institute Quarterly* teria tido um firme domínio de questões importantes, casos legais, relatórios governamentais e polêmicas que afetaram a vida *gay* nos anos 1950 e 1960.

Revisões bibliográficas eram uma obsessão central compartilhada. Além da revisão detalhada e cuidadosa de Jeannette Foster, feita por Marion Zimmer Bradley em sua publicação de maio de 1957, a *The Ladder* incluía também a coluna bibliográfica regular de Bradley chamada “Lesbiana”. Barbara Grier eventualmente assumiu essa coluna, cujos conteúdos proporcionaram muito do material utilizado para *The lesbian in literature*.

De modo similar, a *Mattachine Review*, em 1957, começou a série Bibliografias sobre Sujeitos Homossexuais. Em 1959, Noel Garde publicou *The homosexual in literature*, anunciado como uma “revisão bibliográfica cronológica de cerca de 700 a.C. a 1958”, e, em 1964, a *Vantage Press* publicou seu livro *From Jonathan to Gide: the homosexual in history*. Na época

7. As três publicações emergiram em distintos momentos do movimento homófilo norte-americano dos anos 1950. A revista *One*, fundada em 1953, é considerada por vários(as) pesquisadores(as) como a primeira revista, nos Estados Unidos, a se declarar *homossexual*, em um contexto macartista altamente persecutório das temáticas homossexuais. O *One Institute Quarterly*, vinculado à *One*, era um periódico voltado à publicação de investigações acadêmicas sobre o estudo da homossexualidade. A *Mattachine Review*, por sua vez, fundada em 1955, trouxe consigo um acento assimilacionista e menos radical, que era próprio de um expressivo setor do movimento homófilo da época.

de sua publicação, Garde e o compêndio de Damon/Stuart eram o estado da arte na bibliografia *gay*. Enquanto o meu “eu” mais jovem teria criticado este tipo de trabalho pelo seu fracasso em interrogar a categoria “homossexual”, agora entendo esses textos como realizações consideráveis. Além disso, tais compilações tornaram possível a aplicação do armamento teórico da história social, da antropologia cultural e da sociologia urbana do fim dos anos 1960 aos temas GLBTQ’s.

Mas quais eram as suas fontes? Como pesquisadores como Garde e Grier descobriram o que eles sabiam? Ambos eram obviamente apaixonados em seu zelo bibliográfico e ambos foram capazes de construir os seus estudos a partir de trabalhos prévios. Grier e Bradley valeram-se fortemente da obra de Jeannette Foster. Foster, por sua vez, era uma bibliotecária especializada que trabalhou no Instituto Kinsey de 1948 até 1952.⁸ Ela era, portanto, capaz de utilizar a incomparável coleção acumulada por Kinsey. Foster seguiu muitas pistas, mas é nítido, em suas próprias citações, que ela também escavou cuidadosamente os textos de sexologia de Havelock Ellis e Magnus Hirschfeld, assim como os escritos contemporâneos de John Addington Symonds e Edward Carpenter. Em vários aspectos, o livro de Foster é uma espécie de texto de articulação conectando a geração homófila às acumulações prévias dos conhecimentos *queer* geradas entre fins do século XIX e início do XX.

De modo similar, o livro de 1951 de Donald Webster Cory, *The homosexual in America*, é uma das principais vias de articulação entre a literatura produzida antes da Primeira Guerra Mundial e a coorte de intelectuais homófilos do período posterior à Segunda Guerra Mundial. Noel Garde reconhece explicitamente as referências a Cory, assim como a bibliografia produzida pela seção de Nova Iorque da *Mattachine Society*. O livro *The homosexual in America* possui vários aspectos problemáticos, mas a obra também definiu uma agenda para muitos dos estudos homófilos que ela precedeu e prefigurou.⁹

Cory incluiu todos os mais importantes documentos do governo norte-americano referentes à homossexualidade, incluindo *O emprego de homossexuais e outros pervertidos sexuais no governo* e as regulamentações da Administração de Veteranos, que lidavam com os militares desonrosamente dispensados das Forças Armadas devido à homossexualidade. O livro *The homosexual in America* também listou as legislações regulando as atividades homossexuais em todos os 48 estados, à época. A própria bibliografia de Cory e sua lista de fontes permanecem notáveis,

e ele incluiu nela, como um apêndice especial, uma lista de romances e dramas relacionados à homossexualidade. Foster também leu, utilizou e citou Cory, e suspeito que as bibliografias impressas na *Mattachine Review* começaram por uma atualização do trabalho de Cory.

Cory, por sua vez, extraiu uma parte considerável do seu material de outra grande camada sedimentar de conhecimento *queer*, aquela que se acumulou na Grã-Bretanha e na Europa continental no fim do século XIX e início do XX. Nomeio com frequência essa camada de “sexologia do final do século XIX”, mas essa denominação não faz jus às formas complexas pelas quais os sexólogos credenciados como médicos, os intelectuais homossexuais estigmatizados e a maioria dos membros anônimos, porém ativos, das florescentes comunidades *queer* se engajaram em um complicado tango de comunicação e de publicação, como está detalhado no brilhante trabalho de Harry Oosterhuis sobre Richard von Krafft-Ebing (Oosterhuis, 2000).

Talvez seja melhor pensar nesse enorme conjunto de obras como uma fusão entre os textos médicos e os escritos de intelectuais homossexuais (ou “invertidos” [*invert*]), que mesclou materiais de fontes polêmicas de modo a articular as críticas iniciais a respeito de injustiças sexuais e perseguições. Essas fontes incluíam biografias de homossexuais famosos, material obtido a partir de clássicos em grego e em latim, testemunhos pessoais sobre os efeitos da chantagem e da privação sexual, relatórios etnográficos, dados sobre o comportamento animal, observações sobre a vida comunitária homossexual e algumas das primeiras compilações modernas de bibliografias *queer*.

Tomado como um todo, o corpo de trabalhos a que chamamos sexologia é um empreendimento intensamente colaborativo entre médicos e “pervertidos” (*perverts*). Ele resultou em uma massiva consolidação de um enorme estrato de conhecimentos *queer* – às vezes fecundamente escavado, outras vezes ignorado, descartado ou esquecido. Mas uma coisa se tornou abundantemente clara: assim como minha coorte vinculada aos movimentos de liberação *gay* produziu suas obras a partir de publicações e fontes de arquivo reunidas por nossos predecessores imediatos, os pesquisadores da era homófila basearam-se em estratos anteriores, particularmente os de cunho “sexológico”.

Dentre os mais importantes sexólogos estavam Richard von Krafft-Ebing, Havelock Ellis e Magnus Hirschfeld. As polêmicas-chave incluíam os escritos de Karl Heinrich Ulrichs, Edward Carpenter e John

8. Para a biografia de Foster, ver Passet, *Sex variant woman*.

9. Jeffrey Escoffier foi quem primeiro me alertou para a significância do livro de Cory.

Addington Symonds.¹⁰ Magnus Hirschfeld era, como Ellis e Krafft-Ebbing, um médico formado. Ele era também um brilhante polemista, alguém cuja própria homossexualidade era por vezes usada para minar a sua autoridade médica. Ulrichs e Carpenter, por sua vez, não possuíam credenciais médicas, embora fossem citados em peso em textos médicos.

O papel de Symonds é especialmente complexo. Seu nome foi removido do livro *Sexual inversion* por exigência de seus herdeiros, mas ele teve uma considerável contribuição nas informações históricas e em muitas das análises que atribuímos a Ellis (Bristow, 1998). O trabalho do próprio Symonds contém revisões incisivas de literatura médica, na qual, por sua vez, ele também é comumente citado (Symonds, 1896).

O tomo de mil páginas de Magnus Hirschfeld, *The homosexuality of men and women* (1914), é emblemático das conquistas desse período. Hirschfeld tinha como intenção construir um relato completo de todos os tópicos conhecidos sobre homossexualidade. Ele incorporou os trabalhos de outros médicos sexólogos, assim como de escritores leigos como Symonds, Carpenter e Ulrichs, bem como a sua própria pesquisa inicial. A segunda parte do livro, chamada “A homossexualidade de homens e mulheres como ocorrência sociológica”, é particularmente instigante. Ela inclui os resultados de um dos primeiros *surveys* estatísticos sobre homossexuais, assim como capítulos sobre homossexualidade em diferentes classes sociais e em diferentes países.

O livro de Hirschfeld também contém um relatório extraordinário a respeito da vida urbana *gay* no início do século XX. Por sua vez, John Addington Symonds destacou que a paixão homossexual “vibra em nossas grandes cidades. Seu pulso pode ser sentido em Londres, Paris, Berlim, Viena, não menos do que em Constantinopla, Nápoles, Teerã e Moscou” (Symonds, 1896, p. 2). Hirschfeld segue detalhando a sociologia dessa pulsação no capítulo sobre a vida comunitária e os locais de encontro de homens e mulheres homossexuais (principalmente em Berlim), incluindo círculos de amigos, clubes privados, clubes políticos, clubes de esportes e uma complexa rede de bares que atendiam a diferentes subgrupos da população em questão.

Ele documentou o uso homossexual de teatros públicos, um conjunto de saunas frequentadas por homossexuais, bailes *drag* [*drag balls*] tanto para homens como para mulheres, os hotéis e hospedarias

preferidos por homossexuais, as paqueras e encontros eróticos [*cruising*] em banheiros e parques públicos, assim como o uso de anúncios pessoais para achar parceiros (Hirschfeld, 2000, p. 776–803). E a significância dessa subcultura cidadina é mostrada, ele nota, pelos “muitos que raramente foram capazes de remover suas máscaras, e que se sentem aqui tal como se estivessem libertos. As pessoas têm visto os homossexuais provenientes das províncias pisarem nesses bares pela primeira vez e violentamente irromperem em lágrimas de emoção” (p. 785).

Hirschfeld também dedicou um espaço considerável para abordar as vitimizações sociais e legais, assim como as perseguições e os processos contra homossexuais. Ele incluiu uma história detalhada do movimento organizado contrário a essas perseguições, assim como uma lista de legislações hostis aos *gays* ao redor do mundo.

O significado intelectual de Hirschfeld é frequentemente subestimado, como uma consequência da escassez de traduções confiáveis de sua magnífica obra (Steakley, 1997, p. 133–134). Alguns trechos de *The homosexuality of men and women* foram traduzidos por Henry Gerber e publicados no *One Institute Quarterly*, no início dos anos 1960, mas uma tradução completa, de Michael Lombardi-Nash, só foi disponibilizada a partir dos anos 2000. Eu não havia lido *The homosexuality of men and women* quando tive meu primeiro encontro com *The homosexual in America*. Agora, tendo lido ambos, posso ver o parentesco entre eles.

Cory leu Hirschfeld em alemão e pôde se basear nas compilações bibliográficas de Hirschfeld, assim como em seus dados históricos e táticas retóricas. Cory debateu o que chamou de “movimento Hirschfeld” e “movimento Carpenter”, no final do século XIX e início do XX, lamentando que não houvesse nada similar desde os seus declínios. Ele, provavelmente, não teria como saber que uma grande retomada desse ativismo viria à tona, nem que suas elaborações quanto ao *corpus* de conhecimento do período anterior à Primeira Guerra Mundial seriam posteriormente refinadas e ampliadas por um emergente grupo de pesquisadores homófilos.

A camada de conhecimentos *queer* gerada entre fins dos anos 1880 até os anos 1920, principalmente na Inglaterra e na Europa continental, tem continuado a inspirar novos trabalhos, conforme estudiosos escavam as suas fontes a serviço de projetos mais contemporâneos. Por exemplo, a fase inicial do trabalho de Jeffrey

10. Krafft-Ebing, *Psychopathia sexualis*; Ellis, *Sexual inversion*; Hirschfeld, *The homosexuality of men and women*; Ulrichs, *The riddle of “man-manly” love*; Carpenter, *The intermediate sex*; Symonds, *A problem in greek ethics* e *A problem in modern ethics*. Excelentes trabalhos sobre Ulrichs, Krafft-Ebing e Hirschfeld foram incluídos na esplêndida coleção editada por Vernon Rosario, *Science and Homosexualities*. Veja também a edição crítica de *Sexual inversion*, de Crozier; Bland e Doan, *Sexology and culture* e *Sexology uncensored*. Biografias incluem Kennedy, *Ulrichs*; Rowbotham, *Edward Carpenter*; Wolff, *Magnus Hirschfeld*; Grosskurth, *Havelock Ellis* e *The woeful victorian*. Outros trabalhos sobre Hirschfeld incluem Steakley, *The homosexual emancipation movement in Germany* e Mancini, *Magnus Hirschfeld*.

Weeks – especialmente o seu livro *Coming out: a history of homosexual politics in Britain* (1977) –, de várias formas, é uma extensa meditação sobre as obras de Havelock Ellis, Edward Carpenter e John Addington Symonds, moldada por um considerável conhecimento da obra de Krafft-Ebing.

Por sua vez, o livro *História da sexualidade: an introduction*, de Foucault, é em grande medida uma brilhante leitura da obra de Krafft-Ebing e da psiquiatria francesa de fins do século XIX. O trabalho de Lisa Duggan sobre o caso *Alice Mitchell* e a biografia de Krafft-Ebing escrita por Harry Oosterhuis tornam possíveis leituras completamente inovadoras da sexologia da época. Não obstante, acredito que tanto os textos sexológicos como o *corpus* de obras homófilas estão subutilizados e poderiam ainda produzir umas mil dissertações e teses.

É esse o sentido dos saberes *queer* em camadas sedimentadas, que busquei transmitir com o título de minha palestra esta noite. No registro geológico, certos estratos são ricos em fósseis; em parte, devido às condições que produzem formas exuberantes de vida, e, em parte, por causa das condições que favorecem a sua preservação em forma fóssil.

De maneira similar, parece haver períodos nos quais certas condições sociais e políticas favoreceram a abundante proliferação de saberes *queer*, enquanto outras condições, por sua vez, ditam a sua preservação ou destruição. E depende das gerações que se sucedem assegurar que essas formações sedimentares sejam identificadas, escavadas, catalogadas e utilizadas para produzir novos saberes. Infelizmente, devido à falta de mecanismos estruturais duráveis para assegurar a transferência de saberes *queer*, eles acabam sendo, ao invés disso, frequentemente perdidos, enterrados ou esquecidos.

Por exemplo, é difícil dar aulas a partir de referências que só estão disponibilizadas em apostilas fotocopiadas ou em coleções especiais de acesso restrito. A maior parte dos livros aos quais me referi nesta noite estão esgotados ou são difíceis de encontrar. Muitos deles estiveram disponíveis, brevemente, em edições reimpressas durante os anos 1970, como consequência da série de 1975 da Arno Press: *Homosexuality: lesbians and gay men in society, history and literature*. Essas edições reimpressas de textos de referência primária estiveram entre as mais importantes conquistas da onda pioneira de estudiosos associados ao movimento de liberação *gay*.

A série consistia em 54 livros e 2 periódicos, incluídos aí as primeiras revisões bibliográficas homófilas de Damon, Stuart, Bradley e Garde; muitos documentos-chave do governo dos EUA relacionados

à homossexualidade; reimpressões de livros importantes de Edward Carpenter, Xavier Mayne, Natalie Barney, Earl Lind, Mercedes de Acosta, Blair Niles, Renée Vivien e Donald Webster Cory; clássicos lésbicos e romances de estilo *pulp*; textos do movimento pelos direitos *gays* na Alemanha; e reimpressões de edições completas da *The Ladder* e da *Mattachine Review*.¹¹

Essa série extraordinária estava adiantada em três décadas. Infelizmente, ela também está esgotada e as edições Arno são praticamente tão raras quanto as originais. Tanto o livro *Psychopathia sexualis*, de Krafft-Ebing, quanto o *Sexual inversion*, de Havelock Ellis, foram relançados recentemente em edições de bolso mais baratas, mas quando tentei encomendá-las, para que fossem utilizadas em minhas disciplinas acadêmicas nesse ano, elas já estavam, mais uma vez, inalcançáveis.

Quero utilizar esta breve revisão para pôr em relevo alguns pontos. O primeiro é a amnésia que prevalece sobre o passado dos estudos *queer*. Eu fico continuamente chocada com a afirmação de que os estudos GLBTQ só teriam começado em algum momento dos anos 1990. E escolhi a metáfora da geologia porque ela nos ajuda a pensar sobre quadros temporais mais longos e a retirar o foco somente do presente. Em tempo geológico, o presente é um piscar de olhos.

O nosso sentido do que é importante quanto aos saberes *queer* acadêmicos não deveria ser distorcido pelo *glitter* do momento, pelo que está na moda e pelo que é mais novo. Quero que nós pensemos sobre os processos mais longos que ajudaram a dar forma ao presente e nos quais o presente está fortemente enraizado. Qualquer projeto de estudos acadêmicos pode se beneficiar de um acúmulo de conhecimentos que podem ser avaliados, validados, criticados, atualizados, polidos, aperfeiçoados ou utilizados de modo a fornecer novos percursos a ser investigados. Nós precisamos estar mais conscientes da importância de incluir referências e materiais mais antigos aos cânones contemporâneos dos estudos *queer*.

Entretanto, as causas dessa memória limitada são mais estruturais do que estilísticas e são produzidas menos por decisões curriculares do que por impedimentos institucionais. Meu principal argumento é que precisamos atuar mais para superar as deficiências institucionais que dificultam nosso acesso aos conhecimentos mais antigos. Devemos continuar a desenvolver estruturas organizacionais que garantam a conservação, a transmissão e o desenvolvimento de saberes *queer*.

11. O catálogo da Arno Series – *Homosexuality: lesbians and gay men in society, history, and literature* – é um documento de pesquisa digno de nota. Jonathan Katz foi o editor-geral; Louis Crompton, Barbara Gittings, James Steakley e Dolores Noll integraram o corpo editorial; e J. Michael Siegelau foi o pesquisador assistente.

Como uma disciplina, os estudos GLBTQ estão institucionalizados de modo ainda muito rudimentar nas universidades, e esse é um grande desafio para a continuidade de sua viabilidade. Claramente, há uma institucionalização muito maior agora do que havia uma década atrás, como demonstrado por eventos tais como essa série de palestras e a existência de instituições como o CLAGS.¹² Mas o número de departamentos de estudos GLBTQ é minúsculo, em comparação ao número de departamentos, por exemplo, de sociologia ou ciência política.

As infraestruturas de conhecimento requerem espaço físico e estruturas organizacionais duráveis – escritórios, prédios, bibliotecas, arquivos, departamentos, programas, centros, linhas de pesquisa, um corpo de professores e pesquisadores, postos para funcionários administrativos, verbas e salários. Nós devemos trabalhar para acumular mais desses recursos e construir melhores burocracias.

Muitos de nós instintivamente recuamos diante da ideia de burocratização e a consideramos desagradável. A burocracia tem muitos pontos negativos, incluindo o marasmo, o tédio, procedimentos sem sentido e burocratas mesquinhos. Burocracias, quase por natureza, não possuem entusiasmo, *glamour* ou carisma. Nós, com frequência, vivemos em prol de intensidades fugazes e momentos eletrizantes, assim como celebramos a marginalidade como uma forma de aspiração permanente.

Mas se a burocracia e a rotinização têm seus custos, também os tem a marginalidade e o carisma. A marginalidade e suas excitações momentâneas são intrinsecamente frágeis, evanescentes e instáveis. Parte da razão pela qual a nossa memória é falha quanto aos estratos mais antigo dos saberes *queer* é que as instituições e organizações que os produziram não existem mais. A vida *queer* é repleta de exemplos de explosões fabulosas que deixaram pouco ou nenhum traço detectável, ou cujos restos, em termos de documentos e artefatos, nunca foram sistematicamente reunidos ou adequadamente conservados.

Aqueles de vocês que me conhecem vão entender a ambivalência com que relembro uma dessas instituições desaparecidas: a figura da “comunidade de mulheres” que surgiu do feminismo e lesbianismo radical nos anos 1970. Ao final dos anos 1970, existiam dezenas de jornais feministas e lésbicos, pelo menos uma dúzia de revistas acadêmicas, várias editoras feministas prósperas e uma rede de comunidades locais com um significativo território público.

Em San Francisco, muito desse território de mulheres se concentrava ao longo da Valencia Street,

onde havia bares lésbicos, cafeterias feministas, livrarias de mulheres e diversos coletivos e estabelecimentos comerciais de mulheres. Havia agrupamentos similares na região oeste de Massachusetts, na cidade de Iowa e pelo restante da Baía de São Francisco, bem como na cidade de Oakland. Hoje em dia não há mais quase nada remanescente daquele mundo. A maior parte dos jornais, revistas acadêmicas, livrarias, cafeterias e estabelecimentos desapareceram, apesar de haver alguns poucos sobreviventes teimosos, como a Lesbian Connection.

Existem razões complicadas para o colapso dessas comunidades, mas uma delas foi a fragilidade infraestrutural. Em São Francisco, por exemplo, a maioria das lojas era alugada na parte da frente de prédios e situada ao longo de um conjunto de outros negócios, tendo um baixo custo de aluguel. Quando os aluguéis comerciais começaram a decolar, essas lojas foram obrigadas a se retirar desses locais. O único remanescente dessa vibrante comunidade de mulheres de outrora é o Women’s Building e a única razão pela qual ele ainda está lá é porque o prédio foi comprado e não alugado.¹³ Mas o ambiente de um prédio é caro para ser adquirido e desafiador para ser mantido. A estabilidade exige recursos intensivos.

Populações *queer* têm uma super abundância de marginalização e uma insuficiência de estabilidade. Max Weber observou que a burocracia, quando plenamente estabelecida, está entre as estruturas sociais mais difíceis de destruir (Gerth; Mills, 1958, p. 228). Isso pode ser uma maldição. Mas nós poderíamos usar algo dessa estabilidade, e os recursos necessários para sustentá-la, nos estudos *queer*.

Novos quadros teóricos, novos dados e novas descobertas vão sempre forçar o repensar de nossas premissas e suposições. Devemos contar com rebeliões periódicas, assim como reformas e levantes, de modo a trazer novos ares e renovação. Mas, para parafrasear Marx e Marshall Berman, tudo o que é sólido pode se desmanchar no ar, em um simples batimento cardíaco, e para distorcer Santayana, aqueles que fracassam em garantir a transmissão de suas histórias estão fadados a perdê-las.

12. CLAGS – Center for LGBTQ Studies – é um dos primeiros centros universitários de pesquisas voltadas a temáticas LGBTQ nos Estados Unidos. Fundado em 1991, na cidade de Nova Iorque, dedica-se ao estudo de assuntos históricos, culturais e políticos concernentes a indivíduos e comunidades lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e *queers*. Mais informações em: <<http://clags.org>>.

13. Mais informações em: <<https://womensbuilding.org>>.

Referências

- BLAND, Lucy; DOAN, Laura (Ed.). *Sexology in culture: labelling bodies and desires*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- BLAND, Lucy; DOAN, Laura. *Sexology uncensored: the documents of sexual science*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- BRADLEY, Marion Zimmer. Variant women in literature. *The Ladder*, v. 1, n. 8, p. 8-10, 1957.
- BRADLEY, Marion Zimmer; DAMON, Gene. *Checklist: a complete, cumulative checklist of lesbian, variant, and homosexual fiction, in english, or available in english translation, with supplements of related material, for the use of collectors, students, and librarians*. Rochester, Tex: s.n., 1960.
- BRISTOW, Edward J. Symonds history, Ellis's heredity: sexual inversion. In: BLAND, Lucy; DOAN, Laura (Ed.). *Sexology in culture: labelling bodies and desires*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- CARPENTER, Edward. *The intermediate sex: a study of some transitional types of men and women*. New York: Kennerly, 1912.
- CORY, Donald Webster. *The homosexual in America*. New York: Greenberg, 1951.
- DAMON, Gene; LEE, Stuart. *The lesbian in literature: a bibliography*. San Francisco: Daughters of Bilitis, 1967.
- DUGGAN, Lisa. The trials of Alice Mitchell: sensationalism, sexology, and the lesbian subject in turn-of-the-century America. *Signs*, v. 18, n. 4, p. 791-814, 1993.
- ELLIS, Havelock. *Sexual inversion*. Philadelphia: F. A. Davis Company, 1915.
- ELLIS, Havelock; SYMONDS, John Addington. *Sexual inversion: a critical edition*. Edited by Ivan Crozier. Houndsmill: Palgrave Macmillan, 2008.
- ELLIS, Havelock; SYMONDS, John Addington. *Studies in the psychology of sex*. New York: Random House, 1936.
- FOUCAULT, Michel. *The history of sexuality: an introduction*. Trad. Robert Hurley. New York: Pantheon, 1978. (v. 1).
- FOSTER, Jeannette D. *Sex variant women in literature*. New York: Vantage, 1956.
- GALLO, Marcia M. *Different daughters: a history of the Daughters of Bilitis and the rise of the lesbian rights movement*. New York: Carroll and Graf, 2006.
- GARDE, Noel. *The homosexual in literature: a chronicle bibliography circa 700 B.C. -1958*. New York: Village Press, 1959.
- GARDE, Noel. *From Jonathan to Gide: the homosexual in history*. New York: Vantage, 1964.
- GERTH, H. H.; MILLS, C. W. (Ed.). *From Max Weber: essays in sociology*. New York: Oxford University Press, 1958.
- GROSSKURTH, Phyllis. *Havelock Ellis: a biography*. Allen Lane: London. 1980.
- GROSSKURTH, Phyllis. *The woeful victorian: a biography of John Addington Symonds*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1964.
- HALL, Radclyffe. *The well of loneliness*. New York: Permabooks, 1959.
- HIRSCHFELD, Magnus. *The homosexuality of men and women*. 1914. Trad. Michael Lombardi-Nash. Amherst, N.Y.: Prometheus, 2000.
- KATZ, Jonathan Ned. *Gay american history: lesbians and gay men in the U.S.A.* New York: Thomas Crowell, 1976.
- KENNEDY, Hubert C. *Ulrichs: the life and works of Karl Heinrich Ulrichs, pioneer of the modern gay movement*. Boston: Alyson Publications, 1988.
- KRAFFT-EBING, R. von. *Psychopathia sexualis, with special reference to the contrary sexual instinct: a medico-legal study*. Philadelphia: Davis, 1899.
- MANCINI, Elena. *Magnus Hirschfeld and the quest for sexual freedom. A history for the first international sexual freedom movement*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.
- OOSTERHUIS, Harry. *Stepchildren of nature: Krafft-Ebing, psychiatry, and the making of sexual identity*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- PASSET, Joanne. *Sex variant woman: the life of Jeannette Howard Foster*. Cambridge: Da Capo Press, 2008.
- STERN, Jess. *The grapevine: a report on the secret world of the lesbian*. New York: Doubleday, 1964.
- ROSARIO, Vernon A. (Ed.). *Science and homosexualities*. New York: Roudedge, 1997.
- ROWBOTHAM, Sheila; WEEKS, Jeffrey. *Socialism and the New Life: the personal and sexual politics of Edward Carpenter and Havelock Ellis*. London: Pluto Press, 1977.
- RUBIN, Gayle. Of catamites and kings: reflections on butch, gender, and boundaires. In: RUBIN, G. *Deviations: a Gayle Rubin reader*. Durham & London: Duke University Press, 2011.
- SYMONDS, John Addington. *A problem in greek ethics: being an inquiry into the phenomenon of sexual inversion: addressed especially to medical psychologists and jurists*. London: s.n., 1901.
- SYMONDS, John Addington. *A problem in modern ethics: being an inquiry into the phenomenon of sexual inversion: addressed especially to medical psychologists and jurists*. London: s.n., 1896.
- STEAKLEY, James. *The homosexual emancipation movement in Germany*. Salem, N.H.: Ayer, 1975.
- STEAKLEY, James. Per scientiam ad justitiam: Magnus Hirschfeld and the sexual politics of innate homosexuality. In: ROSARIO, Vernon A. (Ed.). *Science and homosexualities*. New York: Roudedge, 1997.
- WEEKS, Jeffrey. *Coming out: homosexual politics in Britain, from the nineteenth century to the present*. London: Quartet, 1977.
- WOLFF, Charlotte. *Love between women*. London: Duckworth, 1971.

ULRICHS, Karl Heinrich. *The riddle of “man-manly love”*: the pioneering work on male homosexuality. Trad. Michael A. Lombardi-Nash. Buffalo: Prometheus Books, 1994.

Data de recebimento do artigo: 02/11/2016

Data de aprovação do artigo: 01/04/2017

